

---

## O repórter-amador: comunicação e empreendedorismo no Agreste de Pernambuco<sup>1</sup>

Sheila Borges de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Leticia Maria de Souza SILVA<sup>3</sup>

Rayanne Elisa da Silva SANTOS<sup>4</sup>

Valderia da Silva PEREIRA<sup>5</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

### RESUMO

Quais as motivações sociais que levam um cidadão, sem formação na área de comunicação, a produzir notícia à revelia dos veículos de comunicação? Foi esta a pergunta que norteou a pesquisa, apresentada neste artigo e realizada com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/CNPq). Trazemos o perfil desse ator, elaborado para entender o que faz um indivíduo deixar de ser audiência passiva para se transformar em repórter-amador. Aqui, mostramos um desses perfis, o de Lucas do Face<sup>6</sup>, que abandonou o comércio de roupas para produzir notícias nas redes sociais, impulsionando o aspecto do empreendedorismo na comunicação. Essa investigação acadêmica analisa o fenômeno do repórter-amador (BORGES, 2015) com base na teoria e na metodologia de Lahire (2002; 2004; 2006; 2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; repórter-amador; redes sociais; região agreste; empreendedorismo.

### INTRODUÇÃO

A proposta que motivou a pesquisa, apresentada neste artigo, foi a de estudar o indivíduo, morador do Agreste de Pernambuco, começando por Caruaru, cidade polo daquela região, que cria um espaço próprio, principalmente nas redes sociais on-lines, para fazer notícia, independentemente das informações e dos critérios de noticiabilidade do campo do jornalismo. Os critérios de noticiabilidade, para Wolf (1987), formam um conjunto de elementos que dá amparo à informação selecionada para virar notícia. É esse conjunto de regras, chamado de valores-notícia, que estabelece os critérios que controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimento que vai servir de base para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: [sheilaborges12@gmail.com](mailto:sheilaborges12@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: [leticia\\_s\\_s@hotmail.com](mailto:leticia_s_s@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: [elisayanne@gmail.com](mailto:elisayanne@gmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: [valderizah@hotmail.com](mailto:valderizah@hotmail.com)

<sup>6</sup> Nome fictício do cidadão pesquisado para que ele não seja identificado. Assim, preservamos as informações pessoais, pois fazem parte de um perfil sociológico, e seguimos a metodologia de Lahire (2002; 2004; 2006; 2010).

---

a notícia. É esse cidadão comum que produz notícia e analisado na pesquisa estabelece os seus próprios valores-notícia à revelia da chamada grande imprensa.

Ela faz parte de um projeto maior que avalia os atores do Agreste, sob os mais diversos aspectos sociais e comunicativos, por meio do Observatório de Vida-Agreste, um grupo de pesquisa de professores e alunos do Centro Acadêmico do Agreste, unidade da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) naquele município. Esse grupo estuda o ator que produz notícia, elaborando perfis sociológicos de cidadãos comuns sem formação especializada em comunicação. Mesmo assim, eles furam o bloqueio imposto pela grande imprensa, com seus filtros econômicos, políticos e culturais, para criar notícia a partir de seus critérios pessoais. Isso ocorre normalmente em espaços instituídos nas redes sociais na internet.

Antes de apresentar o perfil sociológico individual de cada ator, o trabalho de investigação identifica as características gerais desse grupo de cidadãos do Agreste, ambas as etapas serão descritas mais à frente. Depois da análise desse quadro socioeconômico-cultural, investigam-se as tendências que mais frequentemente motivam esse ator a querer: 1) consumir informação, para se manter atualizados, 2) interagir com os veículos de comunicação, para dialogar com os jornalistas e inserir na pauta das empresas temas que interessam ao grupo formado por esses cidadãos, e 3) produzir notícias em espaços criados por esses atores, geralmente em alguma rede social, para dar visibilidade aos assuntos que ficam de fora da pauta da grande imprensa. São essas três ações: consumir, interagir e produzir notícias, realizadas por esse indivíduo comum, não necessariamente ao mesmo tempo e nessa ordem, que fundamentam o conceito de repórter-amador de Borges (2015).

Nessa segunda fase, a pesquisa acadêmica analisa as disposições sociais desse repórter-amador do Agreste que, mesmo sem ser jornalista, radialista, publicitário ou comunicador, cria espaços autorais para produzir notícias, identificando os fatores sociais que o leva a se sentir motivado a ter essa prática comunicativa. Como recorte da pesquisa para o projeto Pibic de uma bolsista voluntária, descrito aqui, o foco será um dos repórteres-amadores de Caruaru, uma das 71 cidades do Agreste de Pernambuco.

É importante ressaltar que esse repórter-amador surge, com mais força, nessa sociedade atual que está, cada vez mais, interligada em rede. Afinal, basta o indivíduo ter um computador ou qualquer outra plataforma móvel, conectada à internet, para navegar livremente ou interagir com os veículos de comunicação, remetendo mensagens

de texto ou imagens, o que Sbarai (2011) e Moretzohn (2007) chamam de cidadão-repórter. Mas, além de colaborar com os jornalistas, parte desses indivíduos cria espaços virtuais nos quais ela mesma escreve a notícia, sem se submeter aos filtros de edição das empresas de comunicação. Há diferenças entre os conceitos de cidadão-repórter e repórter-amador. O cidadão-repórter é o ator social que interage com a imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas. São coprodutores da notícia. O repórter-amador, por sua vez, não se contenta em ser apenas colaborador. Ele tem a iniciativa de instituir um espaço autoral para produzir notícia sem precisar se reportar aos jornalistas.

A maioria passou a escrever a própria notícia a partir das ferramentas disponibilizadas pelo mundo virtual, o que não significa que não existissem anteriormente atores que tomassem essa atitude por meio de rádios e jornais. Nesse contexto, a prática do cidadão comum que quer produzir a própria notícia tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da grande imprensa. Até porque o campo social do jornalismo é fechado, quase inacessível, e esses indivíduos, que têm um papel mais participativo e provocador, estão contribuindo para quebrar regras, como as da concepção das notícias, e trazer mudanças estruturais ao jornalismo.

Os pesquisadores da comunicação são desafiados a aprofundar os seus estudos no sentido de identificar as disposições que o cidadão deflagra com mais força quando é impulsionado a pensar, sentir e agir para realizar determinadas ações sociais, como a que estamos focando: a de produzir notícia. É preciso entender como o ator, em meio ao emaranhado das variações inter e intraindividuais, que surgem nas fases de socialização (os mundos sociais da família, da escola e do trabalho), sente-se estimulado a desempenhar o papel de produtor da informação. A pesquisa do Observatório da Vida-Agreste parte desse ponto e foca em Caruaru, ampliando a investigação feita por Borges (2015) entre indivíduos que produzem notícia no Recife.

### **REPÓRTER-AMADOR: ASPECTOS TEÓRICO E METODOLÓGICO**

É a tradição da sociologia disposicionalista que vai dar conta do objeto dessa pesquisa, mostrando um caminho no qual se pode perceber as variações inter e intraindividuais e como elas se manifestam em cada ator selecionado, quando analisarmos o cidadão nos mundos sociais que ele passa ao longo da sua trajetória de

vida. Assim, utiliza-se como aporte teórico o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (2002; 2004; 2006; 2010). Ele dará as condições para analisar como o ator é resultado de uma mistura social de tendências variadas, incorporadas e externalizadas de forma singular. E ajudará a entender como a diversidade dessas experiências socializadoras pode ser absorvida de maneira distinta por cada cidadão.

A disposição é uma força interna, introjetada no indivíduo por meio dos processos de socialização e das influências das estruturas e das relações que são construídas nos mundos sociais. É a representação social de uma tendência, que é, ao mesmo tempo, 1) recebida pelo cidadão de forma plural (socializações), 2) retida de maneira singular e 3) externalizada em escala individual, mas que provoca mudanças em escala social. É uma força que vem do pensamento e se concretiza na ação, que é individual e plural. Para Lahire, a disposição se revela pelas ações.

Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista vai buscar reconstruir uma realidade como ela é observada indiretamente. É um trabalho de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas, que envolvem experiências do passado e do presente. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual. As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas. Elas têm origens e lógicas sociais.

O ator pode ter motivações individuais para agir. Mas as práticas jornalísticas, por ele ativadas para querer resolver um problema, por exemplo, resultam de ações que interferem na comunidade e no próprio jornalismo, quando toma para si a responsabilidade de noticiar fatos sem se submeter aos filtros impostos pelas empresas de comunicação. Em função da complexidade das disposições, o pesquisador tem que fazer o entrecruzamento das influências para que possa buscar as origens das variações que quer identificar e entender como se realizam inconscientemente para, nessa pesquisa, estimular o cidadão a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

O conceito do agir ativamente, formulado por Borges (2015), é aplicado na pesquisa para explicar o movimento de saída desse cidadão que não quer mais permanecer no papel de audiência passiva ou de personagem secundário da narrativa jornalística. Esse indivíduo pretende ir além do papel de simples receptor. Nesse

---

movimento, o primeiro passo dado pelo ator é o de tomar a iniciativa de interagir com os conglomerados de comunicação, enviando comentários e sugestões de pautas.

Ao acionar essa função participativa, o cidadão pode desempenhar o papel de coprodutor do processo de produção da notícia, quando os veículos passam a considerar as opiniões enviadas pela audiência, o que acontece na maioria das vezes pela internet. Parte dos veículos que abre este espaço legitima a coprodução quando identifica, no próprio texto da matéria, o nome do ator que colaborou. É este indivíduo que é o cidadão-repórter (SBARAI, 2011; MORETSZOHN, 2007).

O repórter-amador, entretanto, vai dar um segundo passo e irá mais adiante, não se contentará em atuar apenas como coprodutor. Quer produzir informação a partir de um espaço próprio para não ficar refém dos filtros que são determinados pelas empresas de comunicação, que selecionam as informações, segundo as suas perspectivas econômica, política e social. Diferentemente do cidadão-repórter, o repórter-amador não figura no texto jornalístico como colaborador, ele é o autor da notícia no espaço que ele mesmo cria e é sobre os esquemas disposicionais deste indivíduo que a pesquisa, aqui descrita, está focada para entender o que o motiva a agir dessa forma.

Para agir ativamente, o cidadão comum tem que acionar o seu esquema disposicional com o objetivo de produzir notícia. Assim, o movimento de ação fica completo. Quando age ativamente este indivíduo, no trabalho de Borges (2015), não é remunerado para ser repórter-amador. Na investigação de Caruaru, contudo, há uma mudança no conceito original, pois, no Agreste, o repórter-amador começa a ser remunerado para produzir notícia. Na pesquisa de Borges, na Região Metropolitana do Recife, as ações do repórter-amador são atividades voluntárias, ligadas ao tempo livre dedicado ao prazer de ler, de se informar, de escrever ou de reivindicar melhores condições de vida para as comunidades.

Nesse sentido, para Borges (2015), não havia uma rotina diária fixa e tempo pré-determinado para executar esses dois movimentos (colaborar com os veículos e escrever a notícia no espaço criado nas redes sociais), impulsionados por uma força interna que movia inconscientemente o pensar e o agir do repórter-amador. O tempo dedicado a eles era o do descanso. Isso porque essas práticas, observadas pela autora, não faziam parte das atividades do trabalho remunerado, que é priorizado e para o qual o indivíduo dedica a maior parte do tempo. Daí, a designação de amador.

---

Mas na pesquisa no Agreste, feita como um prolongamento da investigação do doutorado de Borges, percebemos que, nessa região, o cidadão, repórter-amador, começa a se profissionalizar, dedicando o tempo do trabalho à atividade. Por isso mesmo, estabelece rotinas, mesmo que não seja às de um jornalista, para dar conta das demandas diárias que passa a ter. Tanto que, além de realizar esse fluxo, ele também começa a contratar outras pessoas para ajudar na produção do conteúdo. Ou seja, passa a exercer a capacidade de empreender um negócio no Agreste e isso a partir da motivação para escrever notícia, mesmo sem nenhum preparo mais especializado.

Mas, apesar dessa mudança, a de ganhar dinheiro com a atividade, ele ainda pode ser chamado de amador, pois ama a atividade que abraça, agora, de forma mais profissional por ganhar a vida escrevendo notícia. Ele não é um jornalista com formação acadêmica. É, contudo, um produtor de conteúdo. O repórter-amador, que apresentaremos o perfil sociológico aqui, segue, mesmo que intuitivamente, um processo de apuração, redação e edição das notícias. Esse processo, contudo, não faz parte do foco deste artigo.

A pesquisa em execução pelo Observatório da Vida-Agreste, apresentada aqui em parte de suas conclusões, analisa o repórter-amador pelo olhar de uma sociologia à escala do indivíduo, considerando o estudo das disposições sociais. A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, propensão, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. Está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Nas teorias disposicionalistas, existem dois grupos. Em um deles, são enfatizados os princípios unificadores e homogêneos, que colocam um peso grande no passado e não valorizam características singulares do indivíduo e o contexto imediato da ação. No outro, é dada relevância à fragmentação interna das experiências, sem delegar tanta importância ao passado, como o grupo anterior. Entendemos que nem o primeiro nem o segundo grupo das teorias da ação e do ator poderiam dar conta do fenômeno que buscamos compreender.

Lahire é o autor que trouxe maior contribuição à pesquisa sobre o repórter-amador porque defende o estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação. Ou seja, defende uma sociologia da pluralidade por meio da qual o pesquisador pode reconstruir o universo social do indivíduo que analisa. Em nosso caso, a ator que aciona os esquemas disposicionais para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

---

O que é um esquema disposicional a partir dessa teoria? É o conjunto complexo, individual e intransferível de tendências (disposições) para pensar, sentir e agir que resulta de experiências individuais e, portanto, sociais, vividas por cada ator ao longo de sua trajetória. Esse esquema é desenvolvido no interior do cidadão de forma não consciente. Ele é, ao mesmo tempo, plural e singular. É plural porque decorre dos múltiplos processos de socialização e é singular porque são introjetados e manifestados a partir de esquemas disposicionais individuais, construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator. Esse esquema também é flexível ao se adaptar às situações porque sofre influência do contexto e das relações entre os atores. O momento presente pode atualizar ou não esse esquema.

À medida que o indivíduo vive cada experiência, ativa uma disposição ou outra, a mais adequada ao que necessita para agir. Existem, porém, motivações que fazem o ator acionar esse esquema. Borges (2015) identificou como esse esquema é construído e ativado pelo repórter-amador no Recife. Partiu do pressuposto que a disposição para agir ativamente no jornalismo está vinculada à capacidade de mobilizar determinadas competências para querer: 1) se expressar, 2) buscar informação mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, 3) resolver problemas coletivos, 4) mobilizar o outro, 5) dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, 6) acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa e 7) encontrar alternativas próprias de comunicação. Essas motivações também foram identificadas como as principais molas propulsoras do repórter-amador no Agreste. Tanto que lá ele, diferentemente do que ocorreu no Recife, passou a ganhar a vida com essa atividade.

Para compreender como o cidadão comum constrói o esquema disposicional que o leva a querer ser repórter-amador, explica-se agora a metodologia que será aplicada na pesquisa. Parte-se do pressuposto de que são determinadas disposições sociais que levam o cidadão a desempenhar o papel de repórter-amador, como Borges (2015) verificou em seu trabalho. Toma-se como referência a metodologia de Lahire para analisar, de um ângulo diferente, o universo do indivíduo que se sente motivado a realizar práticas jornalísticas de forma voluntária.

Como se podem conhecer as disposições que funcionam como motivadoras dos esquemas disposicionais de cada indivíduo? Os esquemas disposicionalistas nunca são mostrados de forma direta, só são revelados a partir da interpretação de múltiplos traços de uma realidade reconstruída por meio da qual se encontram as origens das variações

disposicionais que contribuem para o surgimento de novas ações. É possível ter acesso aos esquemas disposicionais processados inconscientemente pelo ator por meio de observação direta, consulta de documentos, realização de entrevistas ou aplicação de questionários. Em Caruaru, aplicamos questionários. Com base nas respostas, elaboramos um quadro socioeconômico. Na segunda fase, realizamos as entrevistas em profundidade e de forma sucessiva com cada cidadão para se ter acesso às disposições, acionadas de forma mais frequentes, do ator que quer ser repórter-amador.

### **REPÓRTER-AMADOR: OS RESULTADOS DAS DUAS FASES DA PESQUISA**

O questionário da primeira fase da pesquisa foi extenso, apresentou 123 perguntas, para que se pudesse fazer uma incursão exploratória. Essa radiografia contextual mostra como algumas disposições se transformam em ações sob determinadas circunstâncias. Realizou-se um estudo descritivo para descobrir algumas características do fenômeno observado. Aqui estão os pontos que se revelaram importantes para que se identificassem traços em comum. O objetivo inicial foi descobrir características gerais dos nove indivíduos analisados na primeira fase, antes de selecionar aqueles que passaram para a fase seguinte, a dos perfis sociológicos. Neste artigo, apresentamos o perfil sociológico resumido de um desses atores.

O grupo era formado majoritariamente por indivíduos do sexo masculino (66,7%). 33,3% eram mulheres. Os participantes da entrevista tinham idades entre 19 e 43 anos. Três deles nasceram em Caruaru, os demais são de Bezerros, Belo Jardim, São Joaquim do Monte, Toritama, Limoeiro e Recife. Em relação ao mundo da família, a maioria do grupo era solteira (55,6%). 33,3% eram casados e 11,1% se declararam que vivem em união estável. Em relação ao mundo da comunidade, por um lado, apenas 33,3% participaram de alguma associação ou outro tipo de entidade ligada ao bairro onde moram ou ao campo no qual atuam, já, por outro, 55,6% realizaram trabalho voluntário. O que nos indica uma disposição para ajudar o outro.

Entre os integrantes do grupo, 44,4 % tinham trabalho formal com carteira assinada, 22% atuaram de forma autônoma e os demais viviam de mesada, bolsa de estágio ou renda do cônjuge. Todos declararam que receberam entre um e três salários mínimos. O valor do salário mínimo em 2018, ano de aplicação do questionário, foi de R\$ 937,00. Quando indagamos sobre a renda da família, 66,7% disseram que a renda permaneceu entre um e três salários mínimos, 22,3% afirmaram que a renda ficava entre



três e seis salários mínimos e 11,1% disseram que a renda passava a casa dos seis salários mínimos. Do total do grupo, a maioria (77,8%) morava em casa alugada, só uma pequena parcela (22,2%) vivia em casa própria. Como eles declararam suas profissões? Um se considerava jornalista, mesmo sem ter curso de graduação na área, três eram servidores públicos, três estudantes, um historiador e um blogueiro.

Em relação ao mundo da educação, a maioria já iniciou algum curso superior, mas ainda não concluiu. 66,7% estavam nesse quadro. Já 22,2% terminaram a graduação e 11,1% ainda estavam no ensino médio. Todos afirmaram que a formação educacional estava, de alguma forma, vinculada à atividade profissional que exerciam. Sobre a religião, 77,8% afirmaram que tinham uma crença. Eles estavam assim divididos: 44,4% católicos, 33,3% protestantes e 11,1% espíritas.

Em termos de atuação política, apenas 11,1% disseram que integraram diretórios ou centros acadêmicos em colégio ou universidade, a grande maioria não tinha essa postura (88,9%). Isso se refletiu na resposta sobre a filiação partidária. Só 22,2% estavam ligados formalmente a alguma legenda política. A maioria, inclusive, não votava considerando o partido do candidato: 55,6%. Do grupo, 11,1% avaliavam “às vezes”, 11,1% “frequentemente” e apenas 22,2% “sempre” consideravam a legenda do candidato quando votavam nas eleições. Sinalizando que a ideologia partidária não pesava na escolha do candidato, 44,44% votavam “sempre” pela identificação pessoal com o político, 22,2% “frequentemente”, 11,1% “às vezes” e 22,2% “nunca”. Quando a pergunta relacionou o voto às propostas dos candidatos, 77,8% declararam que “sempre” votavam com base nessa vinculação. Apesar disso, apenas 44,4% cobravam as promessas dos candidatos após as eleições.

Na parte da busca por informações, todos acessavam a internet de casa, do trabalho e do celular. 89,9% ficavam conectados por mais de três horas diariamente. Quando indagados sobre a busca por notícias por sites ou espaços nas redes sociais vinculados a empresas ou jornalistas, 44,4% afirmaram que “sempre” recorriam a estas fontes de informação. 33,3% faziam isso “frequentemente” e 22,2% não responderam.

Isso indica que o repórter-amador do Agreste consumiu informação da chamada grande imprensa. 66,6%, inclusive, procuravam nos sites das empresas matérias já veiculadas em jornais, revistas, televisões, rádios e mídias digitais. Só 11,1% disseram que não faziam isso. 44,4% enviavam imagens e textos para serem publicados ou subsidiarem matérias jornalísticas dos veículos de comunicação. 66,7%, inclusive,

colaboravam com mais de um veículo. Justificavam que tomavam essa atitude para: 1) interagirem com os jornalistas, 2) integrarem-se aos veículos e 3) influenciarem as pautas da imprensa. 77,8% dos entrevistados revelaram que gostariam de exercer a profissão de jornalista ou outra ligada à comunicação.

Em relação às redes sociais, as mais acessadas para buscar informações eram Facebook (55,5%), Instagram (44,4%) e Twitter (33,3%). 88% do grupo procuravam blogs para obter informações, independentemente de serem ou não escritos por jornalistas. Mesmo percentual de entrevistados tinham o hábito de assistir os vídeos do Youtube para se manter informados. Todos os entrevistados tinham alguma plataforma para criar notícia, seja blog, Youtube ou redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter. O perfil geral do grupo, identificado aqui, e aprofundado na segunda fase da pesquisa, sinalizava que havia disposições sociais que os motivavam a agir ativamente no jornalismo, quando consumiam informação pela mídia tradicional ou não, interagiam com a imprensa e adotavam práticas jornalísticas ao criar espaços para produzir notícia.

Do grupo, 66,7%, ou seja, seis dos nove entrevistados, ganhavam dinheiro com essa atividade. A pesquisa sobre o perfil do repórter-amador do Agreste, que analisa as motivações dele para ter essa disposição, está dando um passo à frente na de Borges (2015) sobre o repórter-amador em Recife. Na capital pernambucana, o cidadão que produzia notícia fazia isso exclusivamente em seu tempo livre. No Agreste, ele está realizando essa ação também no tempo destinado ao trabalho. Só na segunda fase da pesquisa, contudo, esse ponto foi aprofundado. Por enquanto, apareceu como forte indício de que está ocorrendo uma “profissionalização” do repórter-amador que produz notícia na internet, sem precisar de formação acadêmica especializada.

## **REPÓRTER-AMADOR: O PERFIL SOCIOLÓGICO**

Lucas do Face é formado em marketing e trabalha produzindo notícias para três redes sociais: Facebook, Instagram e Youtube, a principal delas é o Facebook. Nem sempre a vida dele foi assim. Criado na zona rural de Caruaru, herdou dos pais o hábito de escutar rádio, veículo que o introduziu ao mundo das notícias. Mas não foi na comunicação que começou a trabalhar. Como a maioria dos garotos que nascem nas cidades do Polo de Confecções do Agreste (formado por Caruru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe), começou cedo nos fabricos, como chamam as fábricas artesanais, que

---

funcionam na maioria das vezes dentro das casas das famílias. Trabalhou em uma confecção começando de baixo, tirando os pêlos dos tecidos.

Com o bom desempenho, foi subindo degraus e acabou se tornando gerente do negócio. Durante os longos anos desse trabalho, o rádio se tornou o grande companheiro das extensas jornadas. Ele gostava de escutar os programas que debatiam política e informavam as notícias policiais. O hábito de estar informado o levou a querer saber além do que era mostrado pelas mídias. Queria descobrir como a informação era produzida e desejava repassar isso para as pessoas. Foi com essa ideia na cabeça que criou a sua página no Facebook em 2012. Não era para falar sobre ele, mas para deixar as pessoas mais informadas sobre o dia a dia da cidade. Quando aprendeu a entrar ao vivo, começou a transmitir os shows das festas típicas do município.

A página acabou se tornando um sucesso de curtidas, chegando a superar a audiência das páginas do Face de veículos tradicionais da cidade. O sucesso foi tanto que Lucas do Face abandonou o fabrico e, em 2015, foi se dedicar a fazer notícias pelas redes sociais. Começou fazendo tudo sozinho, mas quando passou a ganhar dinheiro sentiu a necessidade de contratar pessoas para ajudar a produzir conteúdo. Atualmente, ele tem um pequeno time de colaboradores, que contribui na apuração, no marketing e na venda de espaço para propaganda. Ele percebeu que o conteúdo do Face também poderia estar em outras plataformas. Então, decidiu investir no Instagram e no Youtube, elaborando notícias e entretenimento para os seus seguidores. O desempenho nas outras plataformas tem sido positivo, o que o estimula ainda mais.

Nas quatro entrevistas em profundidade e sucessivas realizadas ao longo de seis meses, foi perceptível avaliar como Lucas do Face cresceu profissionalmente. Ele ganhou tanto prestígio que passou a receber ligações de suas fontes, com informações dos Poderes Executivo e Legislativo. Reservado, afirma que o principal motivo de seu trabalho é o de ajudar as pessoas. Ele recebe muitas informações dos próprios internautas, que entram em contato com ele para passar imagens e textos de diversos acontecimentos do seu município e de cidades da Região.

Para entender como as disposições sociais, motivadoras do repórter-amador foram sendo forjadas inconscientemente por Lucas do Face, é preciso compreender como elas foram sendo ativadas e apagadas ao longo de sua trajetória de vida pelos mundos da família original (pai, mãe e irmão), da comunidade, da escola, do trabalho e do jornalismo. Lucas nasceu e morou até a infância na zona rural de Caruaru. Depois,

---

mudou-se para a zona urbana da mesma cidade. Sempre viveu com o pai, a mãe e o irmão mais novo, que é especial. A mãe é a influencia mais forte, pois o pai precisava viajar muito a trabalho. Não lembra das influências que recebeu dos pais para gostar de comunicação. Mas falou várias vezes que ouvia rádio com eles para saber o que estava acontecendo no mundo.

A mãe dele era professora. O pai, uma espécie de faz tudo de um órgão público. A mãe estava muito presente e era exemplo para ele, principalmente no desejo de ajudar o próximo. Ela participativa dos grupos da igreja católica, voltados para causas sociais, como a distribuição de alimentos a pessoas carentes. Durante a infância, ele chegou a ser coroinha e atuava de forma voluntária nos trabalhos com as comunidades. Quando foi morar na zona urbana de Caruaru, chocou-se ao perceber como as coisas eram tão diferentes. Aos poucos, foi se adaptando à vida mais agitada da cidade grande.

O padrinho dele era policial militar. Ele o considerava um segundo pai. Assim, foi nascendo a paixão pela área de segurança, despertada quando ouvia as notícias do rádio na infância com os pais. É esse tio que o estimula no trabalho de repórter-amador nas redes sociais. Os outros membros da família não entendem como a atividade funciona. Ele é diferente de quase todos os parentes próximos, que não compartilham da mesma paixão. É um caso de dissonância no mundo da família. Os pais, porém, percebem o prestígio do filho e o reconhecimento do trabalho dele.

Como o repórter-amador Lucas do Face foi influenciado pela escola? Ele estudou em escolas da rede pública até o ensino médio. Estudou em escolas da zona rural até a quinta série. Sentiu uma grande diferença quando se mudou com a família para a cidade, pois a escola era maior e o ambiente era diferente. Com a mãe professora, foi incentivado a ler e escrever. Mas não se sentia motivado a participar de projetos escolares, como o grêmio estudantil. Durante o ensino médio, teve o incentivo dos professores para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não prestou vestibular no ano de conclusão. Anos depois, entrou em uma universidade particular. Por meio de programa de financiamento do governo federal, começou o curso de gestão. Como a turma não fechou, teve que se transferir para a de marketing. É um dos poucos membros da família a ter um diploma universitário.

Dessa época na universidade, foi nascendo o interesse pelas redes sociais por influência de professores. Mas ele terminou sabendo mais do que eles sobre o tema. Mas a “curiosidade” do repórter-amador surgiu com uma professora de história. Quando

tinha 11 anos, ela o estimulou a ter o hábito da pesquisa. Ele a admirava. Mas ele não percebeu nenhum outro aluno que tivesse as mesmas inclinações que as suas: a vontade de fazer notícias nas redes sociais.

Lucas do Face iniciou cedo no mundo do trabalho. Ainda adolescente, foi ajudar em uma pequena confecção. Passou por algumas. Nesses locais, realizou vários serviços, iniciando com a tiragem de pêlos. Quando estava trabalhando, sempre ficava ouvindo o rádio. Diferentemente dos outros empregados, não ouvia música, pois gostava de escutar programas policiais e debates sobre política. Ele não deixou inibida a sua disposição para se manter informado, mesmo com as longas horas de trabalho.

Com bom desempenho, foi crescendo e chegou ao cargo de gerente. Mas quando criou a página no Face e começou a escrever, percebeu que poderia deixar a sua disposição social para ser repórter-amador falar mais alto. Abandonou o comércio de roupas e dedicou o seu tempo à página no Face. Começou postando vídeos. Depois, fez lives para transmitir ao vivo as festas locais. As pessoas gostavam e acompanhavam as postagens. Iniciou com notícias da área policial. Transmitia do local dos acontecimentos: um crime ou um grave acidente. Foi ganhando seguidores, fontes e credibilidade. Passou a servir de modelo para outras páginas de outros repórteres-amadores, também do Agreste.

Mesmo sem ser formado em jornalismo, ele se tornou uma fonte de informação para o público. Sua página tem mais acesso do que as de outras de emissoras da Região. Em 2019, uma grande emissora local fez um contrato de parceria com o espaço de Lucas do Face, transmitindo informações apuradas por ele e sua equipe. Ele passou a contratar jornalistas formados para atuar em sua equipe. Ele não está apenas no Face, já tem contas no Instagram e um canal no Youtube.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No questionário exploratório da primeira fase da pesquisa, observamos que os nove indivíduos entrevistados ganham dinheiro produzindo notícias por meio de: 1) parceria com troca da informação por serviço, 2) trabalho remunerado para um blog ou redes sociais e 3) patrocínio com a exibição da marca do anunciante. A remuneração é conquistada por eles com mais de uma dessas modalidades de trabalho citadas. Eles também afirmaram que recebem por matéria paga para ser exibida nos blogs ou redes sociais e por monetização via Google. Ou seja, a maioria é empreendedora, colaborando

---

para o desenvolvimento regional, pois os entrevistados moram em Caruaru e cidades vizinhas, impulsionando o mercado local. Um deles, o do perfil sociológico apresentado aqui, emprega outros atores para ajudá-lo na produção do conteúdo.

Outro dado importante para avaliar as práticas do cidadão comum no mundo da comunicação foi o fato de, na primeira fase, parte expressiva dos entrevistados ter afirmado que interage com mais de um veículo de comunicação. A forte disposição para agir ativamente foi expressa ainda pela vontade que sete indivíduos afirmaram ter: o sonho de estudar jornalismo para exercer essa atividade de forma mais profissional. Essa vontade está ligada à busca pela competência para participar do processo de produção da notícia. Os integrantes do grupo que revelaram o sonho de estudar para ser jornalista vincularam essa vontade ao gosto pela leitura e pela escrita e ao desejo de informar os outros atores sobre os problemas das comunidades em que viviam.

Na segunda fase da pesquisa de campo, os repórteres-amadores conectaram, de forma inconsciente, como foram surgindo as disposições sociais para a produção de conteúdo, vinculando essas inclinações às motivações para as ações políticas, sociais, religiosas e culturais. No caso de Lucas do Face, detalhamos como essas motivações foram nascendo nos mundos da família formada, da escola e do trabalho. Apesar do corpus dessa pesquisa ser pequeno, lastreado em nove entrevistas, o que traz limitação para generalizações, os dados coletados na primeira fase permitem identificar algumas características gerais. Elas irão contribuir para subsidiar a análise mais profunda da fase seguinte, mesmo porque o objetivo principal desta pesquisa é aproximar o olhar dos universos dos indivíduos que acionam esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo. Nela, foram feitos perfis sociológicos de três repórteres-amadores, um de cada cidade observada: Caruaru, Bezerros e Toritama. A aluna voluntária da proposta de Pibic, aqui apresentada, realizou o perfil sociológico do cidadão de Caruaru.

Todos os entrevistados na primeira fase, localizados em um mapeamento de espaços autorais feitos nas redes sociais de moradores do Agreste, expressaram ter necessidade de se manter informados, procurando mídias tradicionais e espaços da internet. A maioria consultava sites de veículos de comunicação e espaços nas redes sociais, sem se restringir aos que eram produzidos exclusivamente por jornalistas. Todos tinham plataforma própria pra produzir notícia à revelia dos veículos de comunicação. A maioria ganhava dinheiro com esse espaço e gostaria de ser reconhecida como jornalista. Com base nesses dados, pode-se afirmar que há uma

relação significativa entre o indivíduo que busca informação nos veículos de comunicação e a disposição de querer agir como repórter-amador, como foi o caso de Lucas do Face.

Do ponto de vista da comunicação, é importante pesquisar as disposições dos repórteres-amadores, pois são eles que fazem o contraponto da informação, produzida, editada e publicada pelos veículos da grande imprensa, que atuam, no nosso caso, no Agreste e são controladas por fortes grupos empresariais e políticos. As ferramentas surgidas com a internet criaram facilidades para o cidadão que, por um lado, não quer ficar refém da mídia tradicional para consumir informação e, por outro, pretende empreender e montar o próprio negócio no campo da comunicação.

É fundamental salientar ainda que a cidade de Caruaru passou a ter vários repórteres-amadores desde que o acesso à internet foi ampliado e o uso do smartphone se popularizou. Essas pessoas geralmente se escondem por trás de uma página no Facebook, mas, mesmo assim, têm se tornado populares. O universo de pessoas que atua como repórteres-amadores, sem realmente serem formados na profissão, só aumenta. Algumas dessas páginas têm se tornado mais acessadas do que os espaços dos veículos tradicionais com sede em Caruaru. O trabalho de campo também sinalizou que os municípios do Agreste estudados têm ganhado a cada dia um maior número de cidadãos que não se contenta mais em desempenhar o papel de audiência passiva. Quer assumir a condição de protagonista.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, S. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Recife: Editora Cepe, 2015.
- MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- LAHIRE, B. **O homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAHIRE, B. **Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação**. In: JUNQUEIRA, L.(org ). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 17-36.
- SBARAI, R. S. A. **Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital?** IN: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). **Comunicação, tecnologia e cultura de rede**. São Paulo: Momento Editorial, 2011, p. 12-39. Disponível em: <<http://www.livroteccred.blogspot.com>> Último acesso em: outubro de 2018.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.